

**MACHADO DE ASSIS CONTADOR DE HISTÓRIAS:  
LITERATURA, HISTÓRIA E TRAGÉDIA NA COMPOSIÇÃO DA CRÔNICA**



*Claércio Ivan Schneider*

Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à Rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias. E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi (Machado de Assis, 1994, p. 361-362).

### 1. INTRODUÇÃO

Quais as possibilidades de se abordar a crônica literária na perspectiva da análise histórica? Um cronista como Machado de Assis pode ser definido como testemunha de determinado momento histórico? Como empreender uma análise que compreenda os seus múltiplos olhares sobre o Rio de Janeiro do final do XIX, entre eles o da representação trágica? Respostas a estas questões podem divergir em se considerando diferentes autores e seus “arsenais teóricos” aplicados sempre que procuram revisitar um tema ou um autor já considerado clássico nas letras. Os estudos em História realizados em torno da obra e da vida de Machado de Assis não fogem a esta regra. Resultado disso pode ser visto no volume de dissertações e teses, muitas delas de caráter interdisciplinar, que oferecem aos estudiosos e leitores de Machado vários filtros de interpretação histórica. Afinal de contas o historiador culto e letrado, como afirma Machado, pode ser um contador de histórias que inventa, que recria e fantasia o que se passou como se fosse um intérprete do povo.

Neste texto procuro engendrar pelos caminhos entre a História e a Literatura, atentando as possibilidades de investigação histórica que o estudo da crônica de Machado de Assis pode proporcionar discutindo alguns cuidados necessários para sua interpretação como também apontando alguns procedimentos metodológicos para o trabalho de análise deste documento. Centra-se especial atenção à análise da representação trágica que Machado de Assis lança ao contexto urbano carioca do final do século XIX, compreendida como recurso estilístico amplamente utilizado por Machado de Assis ao produzir enunciados sobre sua cidade. Trágico, uma vez que a leitura empreendida por Machado de Assis foi produzida num período conturbado, marcado pelas grandes transformações políticas, econômicas e sociais que caracterizaram a emergência do homem “moderno”.<sup>1</sup> O conceito de tragédia torna-se categoria quase que imprescindível para os estudos machadianos, uma vez que é a partir dela que o autor reavalia as experiências do homem, atribuindo sentido ao mundo vivido ao repensar os diferentes problemas da sociedade.



No entanto, a discussão do conceito de tragédia como gênero literário não basta para entender toda a sua dimensão, principalmente quando compreendida como dimensão da existência humana. Para tanto, há uma longa bibliografia, que não interessa discutir neste artigo, que parece ser fundamental para compreender o trágico em Machado: Nietzsche e Schopenhauer, por exemplo, mais do que pensadores importantes sobre o trágico, surgem como influências diretas na construção da obra machadiana.

## 2. A CRÔNICA LITERÁRIA NO EXERCÍCIO DE INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

Entre os historiadores a preocupação em reconceituar o papel do cronista e da crônica literária na e para a história está sempre presente a cada nova tentativa de investigação que a tome como fonte documental. Margarida de Souza Neves, por exemplo, indica algumas pistas para se

pensar o caráter propriamente documental da crônica na investigação histórica.

No caso específico das crônicas cariocas produzidas na passagem do século XIX ao século XX, é possível que as considere “documentos” na medida em que se constituem como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um “tempo social” vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações. “Documentos”, portanto, porque se apresentam como um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. “Documentos”, nesse sentido, porque imagens de nova ordem. “Documentos”, finalmente, porque “monumentos” de um tempo social que conferirá ao tempo cronológico da passagem do século no Rio de Janeiro uma conotação de novidade, de transformação, que cada vez mais tenderá a se identificar com a noção de “progresso” (Neves, 1992, p. 76).

As potencialidades documentais da crônica acima apontadas pela pesquisadora são resultados diretos da própria transformação da sociedade carioca e, conseqüentemente, de tal gênero literário. Assim, pensar a crônica pressupõe pensar a própria atividade do cronista, bem como seu papel de personagem urbano que busca “registrar” os acontecimentos. Nesse sentido, a importância do jornal, como veículo de comunicação, não pode ser desconsiderada. Isto porque a consolidação deste canal de informação estabelece um significativo elo de ligação com as intensas transformações que vinham ocorrendo no Rio de Janeiro e que, por sua vez, são vistas e interpretadas pelos narradores daquele tempo vivido. Portanto, enquanto se apresentam como “imagens de um tempo social” e “narrativas do cotidiano”, ambas consideradas como “construções” e não como “dados”, as crônicas podem ser consideradas, ainda segundo Neves, como documentos para a História.

As crônicas de Machado de Assis – foram mais de 600 escritas ao longo de sua carreira de escritor – formam uma parte importante de sua produção literária. Isto não só porque Machado exerceu a atividade de cronista por mais de 40 anos, mas, principalmente, porque a prática jornalística

diária influenciaria sensivelmente sua atividade como escritor. Em linhas gerais, a crônica machadiana aparece diretamente ligada à imprensa carioca do século XIX — seu principal veículo de divulgação. Neste ponto, os jornais *Gazeta de Notícias* e *A semana*, espaços nos quais publicava Machado, mantém uma relação direta com o público ao qual se destina; no caso, a esfera pública burguesa que está se organizando, inclusive como esfera pública literária. A importância do jornal, como mostra Margarida de Souza Neves, pode ser comparada à própria transformação que a imprensa como um todo passa a sofrer. O processo de modernização da imprensa reflete a passagem de uma confecção quase artesanal dos diários a uma imprensa de cunho empresarial (cf. Neves, 1992, p. 80). Ou seja, a profissionalização do jornalismo, a formação de um público de massa, a incorporação de novos meios técnicos são características importantes a serem consideradas no momento em que se busca compreender um dos principais espaços de divulgação de saberes. Esta transformação pode ser observada nas palavras de Machado de Assis:

O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação. O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal (Assis, 1994, p. 959).

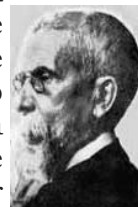
Veja-se, a partir desta passagem, o retrato do folhetinista e sua relação para com o jornal. É a partir do folhetim que emerge a crônica em suas múltiplas possibilidades. Ressalta-se, ademais, o tom de superficialidade que o gênero exige e a variedade de assuntos sobre os quais o cronista é obrigado a escrever. No entanto, outros aspectos se destacam. A crônica é um texto ligeiro, rabiscado depois da leitura do jornal e destinada a embrulhar o peixe pela

manhã. Num exercício exemplar de metalinguagem, Machado faz uma crônica sobre a escrita da crônica.

Apesar dessa atenção pública, apesar de todas as vantagens de sua posição, nem todos os dias são tecidos de ouro para folhetinistas. Há-os negros, com fios de bronze; à testa deles está o dia... adivinhem? O dia de escrever! Não parece? Pois é verdade puríssima. Passam-se séculos nas horas que o folhetinista gasta à mesa a construir a sua obra. Não é nada, é o cálculo e o dever que vêm pedir da abstração e da liberdade — um folhetim! Ora, quando há matéria e o espírito está disposto, a coisa passa-se bem. Mas quando, à falta de assunto se une aquela morbidez moral, que se pode definir por um amor ao *far niente*, então é um suplício... Um suplício, sim. Os olhos negros que saboreiam essas páginas coruscantes de lirismo e de imagens, sabem às vezes o que custa escrevê-las (Assis, 1994, p. 959).

Machado discute nesta passagem o próprio exercício de sua “profissão” de cronista. Destaca o grande esforço que a escrita de tal texto exige. A crônica aparece então como um espaço de experimentação e de investigação livre da realidade carioca do tempo. No entanto, compreender a crônica na especificidade de sua constituição desde já revela sua complexidade. Seu caráter fragmentário, seu compromisso com o aqui e o agora, com sua contingência para com o jornal (obrigação do profissional), fazem da crônica um veículo “imperfeito”, muitas vezes permeado por contradições.

Este último aspecto, aliás, pode ser considerado como uma das peculiaridades da crônica. Ademais, a ligação do cronista com o jornal faz com que a própria imprensa seja matéria da crônica. No entanto, a delimitação do espaço da crônica no jornal como coluna assinada é um fator que limita as relações políticas entre o periódico e o autor. Isto porque a expressão crítica do pensamento do autor passa a ser de sua própria responsabilidade. A crônica, como gênero, apresenta especificidades, principalmente em se tratando de sua versão moderna — da qual Machado é um ilustre praticante. Nas palavras de Antonio Candido:



A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas — sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (Candido, 1992, p. 14).

A crônica é um texto breve, para leitura rápida, entre um gole de café e outro, entre uma notícia e outra. Este caráter da crônica se deve ao fato dela não ter pretensões de durabilidade. Dessa forma, o cronista age de maneira mais “solta” e “leviana”, examinando os acontecimentos pelo ângulo subjetivo da interpretação. Eis a liberdade do cronista. No caso de Machado de Assis, a crônica ajuda, como destacou Antonio Candido, a contemplar e a restabelecer reflexões acerca da dimensão humana. Ou seja, o mergulho crítico na essência das coisas, a contemplação da verdade e o avanço para o fundo da existência humana são aspectos do olhar trágico que Machado de Assis manifestou em suas crônicas. Nas palavras de Barreto Filho, a presença do trágico é, com efeito, sintoma de grande maturidade, porque está sempre ligada à época clássica de uma nação, ao apogeu e equilíbrio de suas forças. O artista trágico cria então os modelos que hão de sobreviver e inspirar a alma popular, retificando a consciência e o caráter da coletividade (cf. Barreto Filho apud Bosi, 1982, p. 355).

### 3. A CRÔNICA E O OLHAR TRÁGICO-HISTÓRICO DO CRONISTA

Machado de Assis (1839-1908) foi uma personalidade ilustre na história do Brasil. Iniciou sua atividade jornalística aos 21 anos, em 1860. Publicou em vários periódicos da imprensa carioca de seu tempo, trabalho este que se estendeu até os últimos anos de sua vida, paralelamente, é claro, a outras

atividades literárias. Muitas de suas crônicas foram assinadas por pseudônimos, como era costume da época, uma vez que a crônica era considerada um “gênero menor” e, portanto, os cronistas faziam questão de separar a carreira jornalística da de escritor, já que esta lhes garantia muito mais prestígio. Assim, Machado produziu textos nos mais diversos gêneros literários (contos, poemas, crônicas, peças teatrais, romances). Também trabalhou como funcionário público, fazendo parte, portanto, da elite decisória no período imperial. Com o advento da República, sua posição não se alterou. Um dos fundadores e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis morrerá recebendo pompas destinadas às autoridades e celebridades.

Mérito de sua formação intelectual e de sua atuação profissional, Machado transformou-se num observador atento e crítico das relações sociais no país, embora permaneça como um observador distanciado da população, retirando-se à sua intimidade, fator este que não lhe tira o papel de formador de opinião. Além do romance e do conto, Machado de Assis é considerado um mestre também neste gênero literário, a crônica, praticando-o durante quarenta anos praticamente ininterruptos.<sup>2</sup>

Além de testemunhar o processo de normalização da sociedade brasileira, o texto de Machado se transforma num canal de diálogo e de crítica para com o seu tempo. Em suas crônicas, por exemplo, dá voz a personagens e temas — tais como os loucos e a loucura — com a intenção de criticar as convenções e os limites da razão. Revela as implicações que a modernidade, aliada ao cientificismo, legou às novas exigências de racionalização do espaço urbano, principalmente no que concerne à política higienista proposta pela medicina, tendo como resultados a instituição de novos padrões de comportamento, a medicalização da sociedade e a integração da família à ordem burguesa. Neste contexto, Machado aparece como um crítico cético de seu tempo. Segundo Kátia Muricy, estudiosa de Machado,

mais do que um aspecto da psicologia do autor, o ceticismo revela a radicalidade do



texto machadiano na crítica dos mitos que ajudavam a implantar no século XIX os mecanismos de normalização da vida social brasileira: a crença evolucionista no progresso, as ilusões do cientificismo, a pretensão humanista do pensamento liberal. Sua crítica dirige-se, assim, à articulação mais ampla das transformações normalizadoras oitocentistas, à racionalidade burguesa moderna (Muricy, 1988, p. 16).



Fruto da instabilidade social de seu contexto? Um sentimento de crise de espírito diante dos abalos físicos e emocionais de sua vida pessoal? Talvez a resposta para seu olhar cético e trágico possa ser encontrada pela combinação destes elementos. Seja como for, “as transformações sociais a que ia assistindo, e aquelas que pressentia, articulavam-se aos temas eternos, constitutivos da visão trágica da vida: a irreversibilidade do tempo, a lei do perecível, a dura contingência da morte e a existência do mal sob todas as suas formas” (Barreto Filho apud Bosi, 1982, p. 355). Questões complexas que se relevam, acima de tudo, na fase madura de Machado. É natural que um espírito inquieto se manifestasse através do trabalho artístico, uma vez que este lhe dava a oportunidade de expressar e dominar um lado sombrio da realidade de seu tempo. Acredita-se que seu sofrimento físico e moral, bem como as incertezas quanto ao futuro, amadureceram Machado, além de aguçar seu pessimismo e seu olhar trágico em relação à crueldade da vida e à incerteza do destino humano. Ainda de acordo com Barreto Filho, “ele se coloca subitamente no ângulo de visão adequado à sua vocação do trágico e promove com um gesto decidido a derrocada das

aparências, que lhe impediam o acesso às fontes da realidade. Não mais a ilusão, nem a fuga na produção idealizada. O que ele vai contemplar é a essência da vida e do homem” (Barreto Filho apud Bosi, 1982, p. 357).

As crônicas que Machado de Assis produziu em sua fase madura — após os quarenta anos de idade — são exemplos significativos do olhar trágico que buscava revelar aspectos do cotidiano de sua cidade. O desvelamento do homem e do escritor se manifestam com maior ênfase no compromisso com o cotidiano da vida social, política e cultural do Rio de Janeiro, a partir do qual descreve as diversas faces dos problemas de sua época. Escrever sobre as coisas “miúdas” de seu tempo permitia-lhe questionar os valores efêmeros considerados importantes. Exemplo disto pode ser evidenciado na compreensão aguda e desconfiada do sentido do progresso.

Todas as cousas têm a sua filosofia. Se os dous anciãos que o *bond* elétrico atirou para a eternidade esta semana, houvessem feito por si mesmos o que lhes fez o *bond*, não teriam atestado com o progresso que os eliminou. É duro dizer; duro e ingênuo, um pouco à La Palisse; mas é verdade. Quando um grande poeta deste século perdeu a filha, confessou, em versos doloridos, que a criação era uma roda que não podia andar sem esmagar alguém. Por que negaremos a mesma fatalidade aos nossos pobres veículos? Há terras, onde as companhias indenizam as vítimas dos desastres (ferimentos ou mortes) com avultadas quantias, tudo ordenado por lei. É justo; mas essas terras não têm, e deviam ter, outra lei que obrigasse os feridos e as famílias dos mortos a indenizarem as companhias pela perturbação que os desastres trazem ao horário do serviço. Seria um equilíbrio de direitos e de responsabilidades. Felizmente, como não temos a primeira lei, não precisamos da segunda, e vamos morrendo com a única despesa do enterro e o único lucro das orações (...). Em todo caso, não vamos concluir contra a eletricidade. Logicamente, teríamos de condenar todas as máquinas, e, visto que há naufrágios, queimar todos os navios. Não senhor. A





necrologia dos *bonds* tirados a burros é assaz comprida e lúgubre para mostrar que o governo de tração não tem nada com os desastres (Assis, 1994, p. 553).

Recentemente inaugurado, o *bond* já fizera suas primeiras vítimas. O cronista reconstrói a cidade em trânsito, imprimindo sentidos políticos diversos a tudo que merece sua atenção. Machado mostra que o avanço da técnica provoca alguns transtornos. O tema dos *bonds* no Rio de Janeiro, por exemplo, é freqüente em suas crônicas. Com um olhar contemplativo e problematizador, Machado dá ao leitor, a partir do registro da aventura cotidiana da cidade, a história vivida pelos homens, o que se configura como momento privilegiado para o exercício de sua consciência crítica. Num de seus passeios de *bond*, Machado estabelece uma discussão entre dois burros a respeito da substituição do seu trabalho pela eletricidade.

- Tens e não tens razão, respondia o da direita ao da esquerda. O da esquerda:
- Desde que a tração elétrica se estenda a todos os *bonds*, estamos livres, parece claro.
- Claro parece; mas entre parecer e ser, a diferença é grande. Tu não conheces a história da nossa espécie, colega; ignoras a vida dos burros desde o começo do mundo. Tu nem refletas que, tendo o salvador dos homens nascido entre nós, honrando nossa humildade com a sua, nem no dia do Natal escapamos da pancadaria cristã. Quem nos poupa no dia, vinga-se no dia seguinte.
- Que tem isso com a liberdade?
- Vejo, redargüiu melancolicamente o burro da direita, vejo que há muito de homem nessa cabeça.
- Como assim? Bradou o burro da esquerda estacando o passo. O cocheiro, entre dous cochilos, juntou as rédeas e golpeou a parelha.
- Sentiste o golpe? Perguntou o animal da direita. Fica sabendo que, quando os *bonds* entraram nesta cidade, vieram com a regra de se não empregar chicote. Espanto universal dos cocheiros: onde é que se viu burro andar sem chicote? Todos os burros desse tempo entoaram cânticos de alegria e abençoaram a idéia dos trilhos, sobre os quais os carros deslizariam naturalmente. Não conheciam o homem (...).

- O *bond* elétrico apenas nos fará mudar de senhor.
- De que modo?
- Nós somos bens da companhia. Quando tudo andar por arames, não somos já precisos, vendem-nos. Passamos naturalmente às carroças.
- Pela burra de Balaão! Exclamou o burro da esquerda. Nenhuma aposentadoria? Nenhum prêmio? Nenhum sinal de gratificação? Oh! Mas onde está a justiça deste mundo? (...) Não conheces a língua da esperança.
- Pode ser, meu colega; mas a esperança é própria das espécies fracas, como o homem e o gafanhoto; o burro distingue-se pela fortaleza sem par. A nossa raça é essencialmente filosófica. Ao homem que anda sobre dous pés, e provavelmente à águia, que voa alto, cabe a ciência da astronomia. Nós nunca seremos astrônomos; mas a filosofia é nossa. Todas as tentativas humanas a este respeito são perfeitas quimeras (Assis, 1994, p. 551-552).



A referência à condição humana, o mergulho no âmago das coisas e o convite ao exercício da reflexão parecem ser uma constante na crônica machadiana. O irremediável das coisas, acima constatado, faz com que se perceba freqüentemente o sentimento do absurdo, do mal da existência. Machado é trágico porque empreende uma análise da natureza da vida de indivíduos na coletividade. Talvez a modernidade não desse a mesma sorte a todos aqueles que, em seu nome, proclamaram a idéia do progresso e da evolução. É neste movimento de encarar o homem e a sua aventura cotidiana no meio urbano que torna Machado um agente provocador. A partir da crônica, pode-se afirmar que Machado tem menos possibilidades de “se esconder”. Ou seja, é na crônica que o escritor estabelece com o

seu leitor um diálogo e, na mesma medida, uma cumplicidade. Toma-se como exemplo uma crônica publicada na *Gazeta de Notícias* em 1º de junho de 1888. Nela, Machado ironiza a amargura de alguns participantes do movimento abolicionista que se queixavam por não terem seus nomes impressos nas festas abolicionistas.

Estando há dias a almoçar com alguns amigos, percebi que alguma coisa os amargurava. Não gosto de caras tristes, como não gosto delas alegres; um meio termo entre o Caju e o Recreio Dramático é o que vai comigo. Senão quando, com um modo delicado, perguntei o que é que tinham. Calaram-se; eu, como manda a boa criação, calei-me também e falei de outra cousa. Foi o mesmo que se os convidasse a pôr tudo em pratos limpos. Tratando-se de um almoço, era condição primordial. Um dos convivas confessou que no meio das festas abolicionistas não aparecia o seu nome, outro que era o dele que não aparecia, outro que era o dele, e todos os deles. Aqui é que eu quisera ser um homem malcriado. O menos que diria a todos, é que eles tanto trabalharam para a abolição dos escravos, como para a destruição de Nínive, ou para a morte de Sócrates... Eu, com uma sabedoria só comparável a deste filósofo, respondi que a história era um livro aberto, e a justiça a perpétua vigilante. Um dos convivas, dado a frases, gostou da última, pediu outra e um cálice de Alicante. Respondi, servindo o vinho, que as reparações póstumas eram mais certas que a vida, e mais indestrutíveis que a morte. Da primeira vez fui vulgar, da segunda creio que obscuro; de ambas sublime e bem criado (Assis, 1994, p. 493).

A busca pelo reconhecimento e pela manutenção do *status quo* eram constantes por parte da elite intelectualizada do Rio de Janeiro naquele período histórico. Machado ironiza as máscaras usadas por estes personagens que buscam no prestígio e na ornamentação pública o espaço ideal para a divulgação de uma feição civilizada. Nesse sentido, a crônica machadiana torna-se um dos principais “documentos” que possibilitam reconstituir e interpretar diferentes aspectos

da cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. É na própria obra de Machado de Assis, portanto, que está a prova de seu minucioso interesse por tudo o que acontece na vida social brasileira. Um escritor que levou profundamente a sério seus diversos deveres e soube, como nenhum outro, retratar os impulsos e as frustrações do homem engajado no fluxo dos acontecimentos.

As crônicas machadianas revelam que este autor compreendeu seu tempo com a profundidade de poucos, ressaltando, dentre inúmeros temas, o lado trágico da história do homem “moderno”, entrevisto nos descaminhos do pensamento liberal, na desilusão imposta ao indivíduo pela modernidade e, em muitos momentos, no desprezo para com a nova ordem burguesa. Mais que isso: a crônica machadiana é o exemplo representativo de como um gênero pode encontrar, na visão de mundo e no estilo de um escritor deste porte, sua transcendência, perenidade e atualidade, haja vista que o sentido trágico instituído por Machado também é uma interpretação da experiência acumulada pelo homem sempre que pensa a humanidade e a sociedade.

Assim, pensa-se o cronista não como alguém que produz crônicas como “pura” atividade estética, mas que faz deste gênero uma forma de comunicação política com o leitor. A reflexão histórica torna-se possível, portanto, desde que se considere o cronista em sua dimensão política, ou seja, como um sujeito que lida, politicamente, com a sensibilidade do leitor. Talvez pelo grau de subjetividade e de crítica incorporadas às suas afirmações, serve-se dos fatos cotidianos (do ridículo de cada dia, da arte da desconversa, do quadro de costumes etc.) para superá-los.

É, portanto, a partir do diálogo constante entre autor, obra e ambiente social que se pode investigar o olhar trágico-histórico de Machado de Assis. Nesse sentido, compreender a historicidade de suas representações e o modo pelo qual foram produzidas à luz de seu contexto são questões fundamentais para avaliar a leitura que Machado fez de sua cidade e de seus personagens.



Machado de Assis Machado de Assis

O que fica evidente a partir destas referências é a viabilidade do estudo da crônica como fonte para o trabalho de interpretação histórica. A crônica machadiana, mais do que uma fotografia da sociedade carioca oitocentista, é uma lente requintada e crítica que possibilita a inteligibilidade das transformações do espaço social, intelectual e político da capital brasileira na segunda metade do século XIX. Logo, nada melhor do que se deter na leitura e na análise das crônicas jornalísticas para perceber como o escritor se posiciona com relação aos problemas de sua época. O compromisso com a vida social, política e cultural da cidade e do país foram muito além de um comentário descompromissado dos pequenos sucessos e fracassos do cotidiano. As crônicas constituem uma representação do real, interpretado a partir da escritura. Ou seja, o trabalho formal da composição da crônica não se constitui numa cópia do real, mas sim numa espécie de recriação do real, provocando outras visões do tema e um mergulho no âmago das coisas.

T & M

Texto recebido em julho de 2004.  
Aprovado para publicação em setembro de 2004.

#### 4. NOTAS

1. A efervescência sócio-político deste contexto se deve as questões que se fizeram presentes no momento de transição do regime monárquico para o republicano: idéias do trabalho assalariado; a emergência do saber médico; as políticas higienistas; política imigratória entre tantos outros temas considerados por Machado de Assis em suas crônicas.
2. Dentre os jornais em que escreveu, destacam-se: o *Diário do Rio de Janeiro* e mais tarde *A Semana Ilustrada* (1860-75); *O Futuro* (1862); *A Ilustração Brasileira* (1876-78); *O Cruzeiro* (1878); e, de 1883 até 1897, *A Gazeta de Notícias*. Com títulos diversos em seções destes jornais, publicou com os seguintes pseudônimos: Lélío (“Balas de Estalo”); João das Regras (“A + B”); Malvólio (“Gazeta de Holanda”); Boas Noites (“Bons dias”); e, por fim, em *A Semana*, publicou crônicas sem assinatura (entre 1892 e 1897).

Machado de Assis Machado de Assis

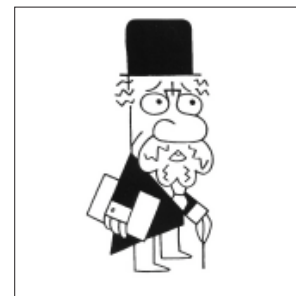
Machado de Assis Machado de Assis

#### 5. SOBRE O AUTOR

**Claércio Ivan Schneider** é Doutorando em História na Unesp – Campus de Assis. Professor do Departamento de História na Universidade Paranaense – Campus de Cascavel.

#### 6. REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. 9. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994 (Vol. 03).
- BARRETO FILHO. “Machado – o espírito da tragédia”. In: BOSI, Alfredo [et al.]. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In — [et al.]. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões do seu tempo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988.
- NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.



©Vidal Castonin

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
REVISTA TEMAS & MATIZES  
www.unioeste.br/saber